

# humanitas

Vol. XIX Ž J

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HVMANITAS

VOLS. XIX E XX



COIMBRA  
MCMLXVII-LXVIII

tida até aqui. Vejam-se os artigos publicados em *Humanitas*, XV-XVI (1963-64) e XVII-XVIII (1965-66), e a bibliografia aí citada. E ainda o artigo «D. Diogo de Sousa e o Introdutor do Humanismo em Portugal», do autor destas linhas, na revista *Bracara Augusta*, XX (1966).

Um melhor conhecimento destes primeiros anos do século XVI (Góis nasceu em 1502) ajuda a compreender os incentivos de ordem intelectual que o futuro humanista encontrou na corte de D. Manuel, soberano menos alheado da cultura do seu tempo do que a Autora afirma (p. 6). Até as sugestões de tratar em prosa ou verso latinos os feitos ultramarinos dos portugueses, como não inferiores aos de gregos e romanos, de que Góis falava em 1540 (p. 102), haviam já sido formuladas em latim, perante a corte, em 1489 por Cataldo, e em 1504 pelo conde de Alcoutim.

Algumas questões de pormenor, de que versarei apenas duas, merecem também uma referência. Assim, na p. 165, a Autora declara que André de Resende não foi influenciado pelas opiniões do seu antigo mestre de Salamanca, Aires Barbosa, a respeito de Erasmo.

Mas quem nos garante que Barbosa foi sempre contrário ao humanista de Roterdão? Não é verdade que no *Erasmii Encomium* ele é incluído entre os admiradores do roterdamês por André de Resende? A seguir a D. Miguel da Silva, lá está o mestre de Grego de Salamanca:

*Hispanique sacer meritis honor orbis Aereus  
magnis cui debet quantum nunc Pallados illic  
cultior usus habet: [...]*

E no longo *Carmen de poetis latinis*, que se encontra no Ms. F. G. 6368 da Biblioteca Nacional de Lisboa, dos séculos XVI/XVII, e foi publicado no século XVIII pelo P. António dos Reis, no *Corpus Poetarum Lusitanorum*, I, 11-31, o seu autor, Pedro Sanches, não poupa o helenista: «E não soa desgracioso Aires, quando condena a errada *Stultitia*, ele que antes a louvara insensatamente» (1). Ora Pedro Sanches, um contemporâneo, estava mais informado que nós.

Na p. 193, a Autora considera a *Descrição de Lisboa*, de Damião de Góis, como género completamente novo em Portugal. Não é bem assim. Já existia a descrição e louvor de Santarém, feitos por Cataldo para a entrada solene da rainha D. Maria, mulher de D. Manuel, talvez não pronunciados, mas publicados no vol. 2.º das *Epistole* do humanista siciliano.

O livro da investigadora americana contém ainda afirmações vagas ou erros de facto que convém corrigir. Por exemplo, D. João III não foi apenas «um dos primeiros governantes a abrir um Colégio de Jesuítas» (p. 185), mas realmente o primeiro, quando autorizou a fundação do Colégio, em Coimbra, no ano de 1542.

Nicolau Coelho não foi o descobridor do Brasil, nem, provavelmente, o pai de Jorge Coelho (2).

(1) *Nec sonat illepide prauam qui damnat Arius  
Stultitiam quam quidem olim laudauit inepte.*

(2) Cf. Luís de Matos, «Das relações entre Erasmo e os Portugueses», *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, IV (1963), p. 246, n. 18.

Ainda, não deve recomendar-se (p. 171 n. 55) a leitura do artigo sobre Jerónimo Cardoso na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, sem corrigir o dislate que nessa enciclopédia faz do honesto humanista, leigo e bom pai de família, um «padre» com filhas.

Para terminar, cito um texto que não vi até hoje utilizado. Pertence à carta que Diogo Pires escreveu de Ferrara, em Fevereiro de 1547, a Paulo Jóvio, e refere-se a um dos períodos mais agitados da vida de Góis. Há um não sei quê de melancólico na maneira como o judeu errante Didacus Pyrrhus Lusitanus fala dos projectos de viagem do humanista à Índia, considerada refúgio de perseguidos. Quase se fica com a impressão de que Diogo Pires não augurava bem do regresso de Góis à Pátria. Eis o trecho da carta: «Damião de Góis, embora não seja alheio às Musas, devia ser colocado com mais propriedade entre os mecenas do nosso tempo, se os desleais franceses lho consentissem. Agora, segundo me consta, esse homem ilustre deixou a Bélgica, para onde se dirigia depois de ter sido libertado pelos franceses, e regressou ao seu Portugal, com a intenção, ao que penso, de navegar para a Índia, entre nós o mais seguro e o mais brilhante refúgio de infelizes» (1).

As reservas atrás feitas, e outras que poderiam formular-se, não empanam de modo conspícuo o luzimento do trabalho. E não podemos senão aplaudir ideias como a de que as «actividades humanísticas de Portugal merecem ser melhor conhecidas, especialmente porque floresceram num clima intelectual único».

A. C. R.

RUDOLF PFEIFFER — *History of Classical Scholarship*. From the beginnings to the end of the Hellenistic Age. Oxford, at the Clarendon Press, 1968, 312 pp.

«A história da Filologia Clássica é Filologia Clássica em elaboração. E um livro que reconstrua a sua história sob este aspecto pode pretender que o considerem uma parte integrante da própria Filologia». Estas palavras, escritas pelo Prof. Pfeiffer no prefácio do seu livro (p. vii), definem, num sentido certamente muito mais amplo do que era intuito do autor, o papel que ele deverá desempenhar, por longo tempo, na formação e informação de qualquer classicista. Obra densa, mas não

(1) «Nam Damianus Agois, quamuis nec ipse a Musis abhorreat, magis tamen si per foedifragos Gallos licuisset, inter nostri temporis Moecenates reponendus erat, et nunc uir ille, ut audio, Belgis relictis, quo se e Gallica custodia liberatus contulerat, ad Lusitanos suos se recepit animo, opinor, in Indiam nauigandi, certissimum apud nos et speciosissimum miserorum refugium».

compacta, produto de muitos anos de labor e de reflexão sobre os problemas que versa, trata, com a lucidez, segurança e equilíbrio característicos dos grandes mestres, um número verdadeiramente estonteante de questões, não perdendo nunca de vista, no entanto, a linha de continuidade da sucessão de estudiosos que, sem cair nunca no biografismo anedótico, forma a espinha dorsal do livro. Este, dividido em duas partes no tomo agora publicado, ocupa-se primeiro da fase a que chama pre-histórica (com capítulos para «Poetas, rapsodos, filósofos, do séc. VIII ao V»; «Os Sofistas, seus contemporâneos e alunos nos sécs. V e IV»; «Os mestres de filosofia em Atenas, Sócrates, Platão, Aristóteles»); e, seguidamente, da época helenística («O nascimento da Filologia em Alexandria»; «Zenódoto e seus contemporâneos»; «Calímaco e a geração dos seus alunos»; «Ciência e Filologia: Eratóstenes»; «A Filologia Alexandrina no seu zénite: Aristófanes de Bizâncio»; «Aristarco: a arte da interpretação»; «Pérgamo. Filologia e Filosofia. Um novo antiquarianismo»; «Os epígonos: dos discípulos de Aristarco a Dídimo»). Alguns excursos, *addenda* e índices completam o admirável trabalho.

O conhecimento profundo que o grande editor de Calímaco possui da arte literária e da estética alexandrina colocaram-no numa situação ímpar para surpreender, em todos as suas implicações culturais, a alvorada da Filologia no século III a.C., como «a arte de compreender, explicar e restaurar a tradição literária», originada pelos esforços dos poetas para preservar e usar a sua herança (p. 3). Como dirá mais adiante (p. 88), os poetas olham então para os velhos mestres, não para os imitar, mas para lhes servirem de modelo. «Assim uma nova concepção de poesia, mantida pelos próprios poetas, abriu caminho para o renascimento da poesia, bem como para um novo tratamento dos antigos textos poéticos, e, depois, de todos os outros monumentos literários» (*ibidem*). Desta maneira, começa com o primeiro poeta-gramático, Filitas, ao qual sucederam Zenódoto e Calímaco, linha de estudiosos que vai frutuosamente encontrar-se em Alexandria com a dos Peripatéticos de Atenas. O A. analisa sucessivamente o contributo dessas cinco gerações de filólogos (até chegar a Aristarco), para depois se ocupar da escola de Pérgamo, e, finalmente, dos discípulos de Aristarco, até ao tardio Dídimo, sem se esquecer de pôr em relevo o papel mediador de Rodes entre a cultura helenística e a romana (pp. 266-7).

A primeira parte do livro historia a transmissão do saber, desde os tempos nebulosos dos rapsodos a Aristóteles, colocando no meio, como herdeiros daqueles e professores das novas gerações, os Sofistas. Também nesta série de capítulos muitas dificuldades são clarificadas e por vezes resolvidas de maneira brilhante. Por exemplo, a discussão do sentido do epíteto *πολύτροπον* em *a* 1, cuja equivalência a *uersatum* e não a *uersutum* (como em Lívio Andronico), o A. reforça com o argumento de que o evidente paralelismo com a proposição da *Illiada* leva a aceitar como epexegetica a oração relativa que vem a seguir (p. 4). Outras tomadas de posição importantes são: a destruição da lenda de Pisístrato como impulsionador da colectânea homérica (pp. 6-7) e da criação de uma biblioteca por esse tirano (pp. 7-8); a interpretação da *ἡμετέρη σοφία* do fr. 21B 2.12 Diels de Xenófanes como «our knowledge and practice of poetry» (p. 9, n. 4); negação da possibilidade de conhecimentos sobre a existência de casos no fr. 70 Diehl de Arquiloco ou no fr. 3 Diehl de Anacreonte (pp. 12-14, 244); data da introdução do alfabeto (fim do séc. IX ou princípios do VIII), com especial relevo para os inegáveis melhoramentos feitos pelos

Gregos, atribuindo letras próprias a todos os elementos da linguagem («a true alphabet had come into being. It was one of the great creations of the Greek genius» — p. 23); aceitação da atribuição a Protágoras da distinção de géneros gramaticais, mas não a de tempos dos verbos, insuficientemente provada (p. 38); discussão da tradição de uma edição de Homero por Aristóteles, que rejeita com boas razões (pp. 71-2).

Na segunda parte, salientamos a lúcida discussão, actualizada com dados arqueológicos, acerca da biblioteca do Serapiéion (pp. 101-2); a ligação subtil entre a idade livresca que foi a helenística e o aparecimento do mais antigo papiro conhecido (pp. 102-3); a apreciação do papel de Zenódoto como pioneiro da *διόρθωσις* homérica e discussão da sua edição de Homero (pp. 111-3), considerando não resolvida a questão da divisão dos Poemas em 24 livros por esse gramático, pois apenas se pode ter como certo que está vulgarizada a partir de Aristarco (p. 116); a pulverização da lenda de Calímaco bibliotecário de Alexandria (p. 128) e a arguta resolução da questão da «2.ª edição» dos *Argonautas* e das biografias contraditórias de Apolónio de Rodes (pp. 141-4); discussão sensata e prudente do famoso *πέρασ τῆς Ὀδυσσεύς* de Aristófanes e Aristarco em *ψ* 296 (pp. 175-7), completada com a da relação entre *a* e *ω* (que entende serem do mesmo autor), na n. 4 da p. 177; a refutação da tradição que atribui a Aristófanes de Bizâncio os sinais de pontuação (pp. 179-80), dando como provado apenas que tenha criado os acentos gráficos; a discussão sobre a terminologia dos géneros literários entre os Gregos, nomeadamente o lírico (pp. 182-3), sobre o qual os modernos cometem erros grosseiros; no mesmo contexto, a distinção dos *εἶδη* em Píndaro (pp. 183-4); história da introdução do modernismo disfarçado *κακόν* para designar os escritores gregos escolhidos para modelos dos diversos géneros (p. 207); a questão da doação da biblioteca de Pérgamo por Marco António a Cleópatra (pp. 236-7); a da naturalidade de Álcman (pp. 220-1 e 241-2).

Outras observações mais directamente ligadas à história da cultura merecem ser salientadas à parte. Estão neste caso as curiosas observações e exemplificações sobre o aparecimento de metáforas gráficas em poetas do século V a.C., como reflexo da difusão da escrita (pp. 25-6), e a presença de cenas de «leitura» em vasos de figuras vermelhas (e não ainda nos de figuras negras), como prova do mesmo facto (p. 27); o sugestivo contraste entre a atitude de Platão e a de Aristóteles perante a poesia (pp. 74-5); o luminoso paralelo entre os filólogos-poetas, em busca de livros, com o mecenato de príncipes a favorecê-lo, na época helenística, e idêntico fenómeno entre os humanistas (p. 103); o estabelecimento da diferença entre a universalidade do saber de Aristóteles, teleologicamente orientada pela sua filosofia, e a do de Eratóstenes, que tão bem se definiu a si mesmo, ao criar o novo termo de *φιλόλογος* (pp. 156-9).

Naturalmente que, numa tão vasta pluralidade de questões, o leitor pode, por vezes, sentir-se inclinado a preferir outras soluções, ou, pelo menos, a suspender o seu juízo. Assim, sucede, quando o A. põe em relação a coincidência de épocas entre a adopção do alfabeto e a forma final das grandes epopeias, citando a hipótese de Wade-Gery, de ter aquele sido inventado para notar o verso grego (p. 23), embora reconheça adiante que «the transmission remained oral.... and this.... must have been to a certain degree under proper control.... The power of memory was unchallenged, and the tradition of poetry and early philosophy remained oral» (p. 25). Estamos, efectivamente, no ponto considerado na actualidade como crucial na

compacta, produto de muitos anos de labor e de reflexão sobre os problemas que versa, trata, com a lucidez, segurança e equilíbrio característicos dos grandes mestres, um número verdadeiramente estonteante de questões, não perdendo nunca de vista, no entanto, a linha de continuidade da sucessão de estudiosos que, sem cair nunca no biografismo anedótico, forma a espinha dorsal do livro. Este, dividido em duas partes no tomo agora publicado, ocupa-se primeiro da fase a que chama pre-histórica (com capítulos para «Poetas, rapsodos, filósofos, do séc. VIII ao V»; «Os Sofistas, seus contemporâneos e alunos nos sécs. V e IV»; «Os mestres de filosofia em Atenas, Sócrates, Platão, Aristóteles»); e, seguidamente, da época helenística («O nascimento da Filologia em Alexandria»; «Zenódoto e seus contemporâneos»; «Calímaco e a geração dos seus alunos»; «Ciência e Filologia: Eratóstenes»; «A Filologia Alexandrina no seu zénite: Aristófanes de Bizâncio»; «Aristarco: a arte da interpretação»; «Pérgamo. Filologia e Filosofia. Um novo antiquarianismo»; «Os epígonos: dos discípulos de Aristarco a Dídimo»). Alguns excursos, *addenda* e índices completam o admirável trabalho.

O conhecimento profundo que o grande editor de Calímaco possui da arte literária e da estética alexandrina colocaram-no numa situação ímpar para surpreender, em todos as suas implicações culturais, a alvorada da Filologia no século III a.C., como «a arte de compreender, explicar e restaurar a tradição literária», originada pelos esforços dos poetas para preservar e usar a sua herança (p. 3). Como dirá mais adiante (p. 88), os poetas olham então para os velhos mestres, não para os imitar, mas para lhes servirem de modelo. «Assim uma nova concepção de poesia, mantida pelos próprios poetas, abriu caminho para o renascimento da poesia, bem como para um novo tratamento dos antigos textos poéticos, e, depois, de todos os outros monumentos literários» (*ibidem*). Desta maneira, começa com o primeiro poeta-gramático, Filitas, ao qual sucederam Zenódoto e Calímaco, linha de estudiosos que vai frutuamente encontrar-se em Alexandria com a dos Peripatéticos de Atenas. O A. analisa sucessivamente o contributo dessas cinco gerações de filólogos (até chegar a Aristarco), para depois se ocupar da escola de Pérgamo, e, finalmente, dos discípulos de Aristarco, até ao tardio Dídimo, sem se esquecer de pôr em relevo o papel mediador de Rodes entre a cultura helenística e a romana (pp. 266-7).

A primeira parte do livro historia a transmissão do saber, desde os tempos nebulosos dos rapsodos a Aristóteles, colocando no meio, como herdeiros daqueles e professores das novas gerações, os Sofistas. Também nesta série de capítulos muitas dificuldades são clarificadas e por vezes resolvidas de maneira brilhante. Por exemplo, a discussão do sentido do epíteto *πολύτροπον* em *a* 1, cuja equivalência a *uersatum* e não a *uersutum* (como em Lívio Andronico), o A. reforça com o argumento de que o evidente paralelismo com a proposição da *Ilíada* leva a aceitar como epeexegética a oração relativa que vem a seguir (p. 4). Outras tomadas de posição importantes são: a destruição da lenda de Pisístrato como impulsionador da colectânea homérica (pp. 6-7) e da criação de uma biblioteca por esse tirano (pp. 7-8); a interpretação da *ἡμετέρη σοφίη* do fr. 21B 2.12 Diels de Xenófanes como «our knowledge and practice of poetry» (p. 9, n. 4); negação da possibilidade de conhecimentos sobre a existência de casos no fr. 70 Diehl de Arquíloco ou no fr. 3 Diehl de Anacreonte (pp. 12-14, 244); data da introdução do alfabeto (fim do séc. IX ou princípios do VIII), com especial relevo para os inegáveis melhoramentos feitos pelos

Gregos, atribuindo letras próprias a todos os elementos da linguagem («a true alphabet had come into being. It was one of the great creations of the Greek genius» — p. 23); aceitação da atribuição a Protágoras da distinção de géneros gramaticais, mas não a de tempos dos verbos, insuficientemente provada (p. 38); discussão da tradição de uma edição de Homero por Aristóteles, que rejeita com boas razões (pp. 71-2).

Na segunda parte, salientamos a lúcida discussão, actualizada com dados arqueológicos, acerca da biblioteca do Serapíeion (pp. 101-2); a ligação subtil entre a idade livresca que foi a helenística e o aparecimento do mais antigo papiro conhecido (pp. 102-3); a apreciação do papel de Zenódoto como pioneiro da *διόρθωσις* homérica e discussão da sua edição de Homero (pp. 111-3), considerando não resolvida a questão da divisão dos Poemas em 24 livros por esse gramático, pois apenas se pode ter como certo que está vulgarizada a partir de Aristarco (p. 116); a pulverização da lenda de Calímaco bibliotecário de Alexandria (p. 128) e a arguta resolução da questão da «2.<sup>a</sup> edição» dos *Argonautas* e das biografias contraditórias de Apolónio de Rodes (pp. 141-4); discussão sensata e prudente do famoso *πέρας τῆς Ὀδυσσείας* de Aristófanes e Aristarco em *ψ* 296 (pp. 175-7), completada com a da relação entre *α* e *ω* (que entende serem do mesmo autor), na n. 4 da p. 177; a refutação da tradição que atribui a Aristófanes de Bizâncio os sinais de pontuação (pp. 179-80), dando como provado apenas que tenha criado os acentos gráficos; a discussão sobre a terminologia dos géneros literários entre os Gregos, nomeadamente o lírico (pp. 182-3), sobre o qual os modernos cometem erros grosseiros; no mesmo contexto, a distinção dos *εἶδη* em Píndaro (pp. 183-4); história da introdução do modernismo disfarçado *καὶὼν* para designar os escritores gregos escolhidos para modelos dos diversos géneros (p. 207); a questão da doação da biblioteca de Pérgamo por Marco António a Cleópatra (pp. 236-7); a da naturalidade de Álcman (pp. 220-1 e 241-2).

Outras observações mais directamente ligadas à história da cultura merecem ser salientadas à parte. Estão neste caso as curiosas observações e exemplificações sobre o aparecimento de metáforas gráficas em poetas do século V a.C., como reflexo da difusão da escrita (pp. 25-6), e a presença de cenas de «leitura» em vasos de figuras vermelhas (e não ainda nos de figuras negras), como prova do mesmo facto (p. 27); o sugestivo contraste entre a atitude de Platão e a de Aristóteles perante a poesia (pp. 74-5); o luminoso paralelo entre os filólogos-poetas, em busca de livros, com o mecenato de príncipes a favorecê-lo, na época helenística, e idêntico fenómeno entre os humanistas (p. 103); o estabelecimento da diferença entre a universalidade do saber de Aristóteles, teleologicamente orientada pela sua filosofia, e a do de Eratóstenes, que tão bem se definiu a si mesmo, ao criar o novo termo de *φιλόλογος* (pp. 156-9).

Naturalmente que, numa tão vasta pluralidade de questões, o leitor pode, por vezes, sentir-se inclinado a preferir outras soluções, ou, pelo menos, a suspender o seu juízo. Assim, sucede, quando o A. põe em relação a coincidência de épocas entre a adopção do alfabeto e a forma final das grandes epopeias, citando a hipótese de Wade-Gery, de ter aquele sido inventado para notar o verso grego (p. 23), embora reconheça adiante que «the transmission remained oral... and this... must have been to a certain degree under proper control... The power of memory was unchallenged, and the tradition of poetry and early philosophy remained oral» (p. 25). Estamos, efectivamente, no ponto considerado na actualidade como crucial na

Questão Homérica (1), e cuja solução parece complicar-se, em vez de se simplificar, à medida que aumenta o número de estudos sobre a triplíce possibilidade: oralidade — escrita — ditado.

Mais sujeito à discussão será negar que os Sofistas tivessem ultrapassado, em matemática, um grau empírico (p. 56) e admitir que Hípias apenas tenha incluído no seu programa assuntos científicos elementares (p. 52). Hípias é considerado o descobridor da quadratriz para efectuar a triseccção do ângulo, e, se é duvidoso que o processo tenha sido usado por ele para estudar a quadratura do círculo (2), é pelo menos certo que a primeira tentativa de solução deste famoso problema data de Antifonte (3).

Estas são, naturalmente, apenas algumas observações, sugeridas por uma obra tão rica de informação como estimulante pela reflexão a que convida. De resto, a cada momento o leitor se sente acompanhado pelo fino espírito crítico do A., a que não falta a bem temperada ironia de algumas breves alusões (e.g.: p. 150, n. 4, sobre a capacidade inventiva de um helenista contemporâneo; p. 171, sobre a actual tendência para exagerar a influência do factor social sobre a ciência e o saber; p. 238, sobre as sobrevivências, nos nossos dias, das interpretações literárias alegorizantes, à maneira da escola de Pérgamo) — uma das quais, como mestre na difícil arte da humildade intelectual, que também é, não hesita em aplicar a si mesmo (4).

Lição de probidade, a sublimar o trabalho admirável de informação, de precisão, de sereno e equilibrado exame dos factos, que fazem deste livro um mestre de todas as horas.

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

**Aristote, Du Ciel.** Texte établi et traduit par PAUL MORAUX. Collection des Universités de France, publiée sous le patronage de l'Association Guillaume Budé. Paris, Société d'Édition «Les

(1) Cf. A. Lesky, *Geschichte der griechischen Literatur*, Bern, 1963, p. 54, e do mesmo autor, *Homeros*, Stuttgart, 1967, col. 22.

(2) Cf. Oskar Becker, *Das mathematische Denken der Antike*, Göttingen, 1957, pp. 93 e 95, e George Sarton, *Ancient Science through the Golden Age of Greece*, Harvard University Press, 1959, pp. 281-2. Morris R. Cohen and I. E. Drabkin, *A Source Book in Greek Science*, Harvard University Press, 1958, pp. 35, n. 1, 57, n. 1 e 58, n. 2, têm dúvidas na atribuição da descoberta.

(3) Cf. O. Becker, *op. cit.*, p. 93; G. Sarton, *op. cit.*, pp. 285-6; Cohen and Drabkin, *op. cit.*, p. 53.

(4) O A. discute, a pp. 225-7, a atribuição a Aristarco da máxima "Ὀμηρον ἐξ Ὀμήρου σαφηνίζειν" e, a propósito, cita os vários estudiosos que se limitaram a repetir essa tradição sem exame — entre os quais ele mesmo (p. 226, n. 1).

Belles Lettres», 1965. CXCI + 154 pp. duplas + 14 pp. e 3 folhas desdobráveis com diagramas.

Desde há anos que Paul Moraux, actualmente professor da Universidade Livre de Berlim, ocupa um lugar de honra entre os estudiosos de Aristóteles, particularmente da sua cosmologia. Além do conhecido artigo sobre *Quinta essentia* em *RE XXIV*, 1171-1226, lembremos: «Einige Bemerkungen über den Aufbau von Aristoteles' Schrift De Caelo», *Museum Helveticum* 6, 1949, 157-165; «Recherches sur le De Caelo», *Revue Thomiste* 1951, 179-181; «Note sur la tradition indirecte du De Caelo d'Aristote», *Hermes* 82, 1954, 145-182; a comunicação «La Méthode d'Aristote dans l'étude du ciel» apresentada em 1960 ao *Symposium Aristotelicum* de Lovaina, publicada nas respectivas actas, em 1961, pp. 173-194 (e agora incorporada neste livro); «Kritisch-Exegetisches zu Aristoteles», *Archiv für Geschichte der Philosophie* 43, 1961, 15-40. A espinhosa questão da formação do *Corpus Aristotelicum* deve-lhe um livro de referência indispensável, *Les listes anciennes des ouvrages d'Aristote*, Paris, 1951. Na continuação deste género de investigação, anuncia-se uma *Histoire de l'Aristotélisme*. Dispunha, portanto, o A. de grandes credenciais para preparar uma edição crítica do *De Caelo*. E, no presente caso, não apenas uma edição crítica, mas também uma autêntica monografia, que a precede, a título de introdução, e que a valoriza extraordinariamente. Com efeito, nenhum dos complexos problemas que envolvem a exegese do tratado é passado em claro, a começar pelo do objecto e estrutura, para o qual se tem buscado solução desde Alexandre de Afrodísias. A despeito das explicações desse e de outros comentadores na Antiguidade e das de um Solmsen (*Aristotle's System of the Physical World*, Cornell University Press, 1960), entre os modernos mais ilustres, temos de continuar a descrever a obra como um grupo de três estudos: uma cosmologia (Livros I e II); propriedades, efeitos e movimentos dos elementos sub-lunares (Livro III); e monografia sobre o leve e o pesado (Livro IV). Ligados pela linguagem e pelo conteúdo, conforme observa I. Dürer (*Aristoteles*, Heidelberg, 1966, p. 346), talvez o presente arranjo seja explicável por derivar de notas de lições não definitivamente estruturadas, como sugere Moraux. Quanto à estrutura, defende a teoria de que o Livro III do *De Caelo* se completa com o segundo do *De Generatione et Corruptione*, embora separado dele pelo Livro IV, aliás não totalmente estranho ao assunto que se estava a desenvolver.

A parte mais extensa do prefácio é consagrada à análise do tratado. Nela se percorrem sucessivamente os seguintes pontos: perfeição dos corpos e do universo; o «primeiro corpo» ou elemento celeste; a finitude do universo; a unicidade do mundo; a eternidade do mundo; a direita e a esquerda do universo; a esfericidade do universo; o movimento do céu; os astros; o método no estudo do céu; a terra; a geração e os elementos; peso e leveza. Estudando-os dentro do seu contexto e situando-os na tradição científica de que descendem — e nesta obra o Estagirita toca em quase todas as grandes questões cosmológicas —, o A. oferece-nos uma clara e bem fundamentada exposição, onde nos é grato salientar a sua atitude reservada quanto à ascendência pitagórica de certas doutrinas («La littérature soi-disant pythagoricienne procède en ligne droite du platonisme et de l'aristotélisme», p. XLVIII), no que aliás alinha com marcada tendência da crítica mais recente (v. g. Jula Kerscheneiner, W. Burkert). Só lamentamos que a reserva não seja ainda maior para com o